

Aurélio de Oliveira *

Os preços do pão no centro vinhateiro de Lamego (1750-1793)

A busca de elementos sobre os Vinhos no Vale do Douro, principalmente para os centros mais importantes, levou-nos à indagação de algumas fontes locais. As Actas de Vereação das respectivas povoações e outros dados, sobretudo referentes aos preços, eram preocupação fundamental para todo o período Moderno. O mais importante produto da Região dificilmente prescindirá desses dados e dessas indicações económicas, sem dúvida de primeira importância. Buscávamos ainda informações sobre as datas das vindimas ainda que por ventura mais dispersas e, na sua ausência, dados que com mais frequência aí surgem sobre as primeiras datas de venda e chegada aos mercados urbanos dos vinhos novos. Para além da sua importância intrínseca serviriam eles de complemento e confronto, nestas terras interiores do Vale, com os que, com outra amplitude e pormenor, temos já vindo a recolher para outros importantes espaços e áreas geográficas¹. Por extravio dos livros dessas actas, os dados para o mais importante centro – Lamego – permanecem, para já, desconhecidos. Apenas restam alguns livros que cobrem alguns anos dos fins do século². Nesses, nada do que procurávamos pudemos encontrar.

Todavia, para outro produto vital – os cereais – encontraram-se alguns dados que julgamos de interesse dar a conhecer, precisamente para o centro mais importante de toda a Região vinhateira. É que, não obstante a presença dos vinhos, o produto básico mais decisivo para estas populações em termos de subsistência continuava a ser o cereal. E, a sublinhar esta realidade, aí estão os cereais e as dificuldades pontuais que provocam a fazer-se sentir algumas vezes (ainda que pou-

* FLUP / GEHVID.

¹ OLIVEIRA, Aurélio de – *Clima e Colheitas na Segunda metade do Século XVIII*. (No prelo).

² Arq. Municipal da Câmara de Lamego. *Livros de Actas de Vereação*. 1754-61; 1761-69; 1798-1801; 1802-1804; 1805-1808; 1809-1811.

cas) e a mostrar presença nas Vereações onde, em contrário (nos livros de que se dispõe), nada ficou sobre o mais importante produto de mercado que era, sem dúvida, o vinho. A querer significar efectivamente que, por sobre estes, o pão continuava a ser o produto básico de principal importância para todas estas populações do Vale.

Goradas, pois, as nossas expectativas quanto aos vinhos, algo se recolheu sobre o pão, em particular uma listagem de preços de cobrança para as rendas do Cabido. Pela sua importância estratégica e por todo um conjunto de dados que eles nos podem fornecer, os vimos aqui dar a conhecer. Mesmo nestas terras vinhateiras que desde havia muito tinham constituído com os vinhos o seu principal produto de mercado e a principal fonte de rendimento e de encaixes, os cereais permaneciam e continuavam como o produto estratégico fundamental, atentas até as dificuldades efectivas de os fazer chegar, com regularidade e abundância, de outras proveniências.

Ainda que sujeitos a regimes e ciclos vegetativos diferentes, os dois produtos apresentam algumas correlações que de todo se não podem desprezar. Entre elas, em primeiro lugar, por exemplo, a presença de crises alimentares e demográficas que acabam por atingir todo o sector agrícola no seu conjunto. Os bons e maus momentos de produção não só nestas terras de Lamego como nas restantes do vale vinhateiro, poderão, através das séries de preços, vir a ser, por vezes, detectados. As suas influências directas e, neste caso, indirectas, não deixam de ter a sua relevância quando nos preocupam também os dados, fenómenos e circunstancialismos que atingem as populações.

A série, como veremos, não é de facto muito alargada. Mesmo assim a julgamos de interesse pois, na realidade, cobre a quase totalidade da segunda metade do século XVIII (1750-1793). Nas áreas abrangidas por estes preços poderão eles vir a constituir um óptimo elemento de referência e de comparação com preços de outras regiões seja referentes aos mercados urbanos mais importantes seja a áreas de produção – como é seguramente o caso de Lamego, centro urbano pequeno, é certo, mas muito chegado à realidade agrícola onde vive e da qual vive. As comparações com o Vale do Cávado podem vir a ser um bom contributo para determinar ou não a especificidade das Terras de Lamego e até de todo o Douro Médio e Superior³.

Estes preços têm características próprias. Não são preços de estiva e de mercado, mas preços de cobrança de renda. Preços de boca de tulha, de entrada (ou de resgate) de cereais. São, por isso, preços onde se não pode procurar nenhuma variabilidade sazonal. Para as características destas séries já anteriormente chamá-

3 OLIVEIRA, Aurélio de – *Demografia e Preços no Vale do Cávado durante o Antigo Regime, 1600-1820*.

mos a atenção. Diga-se, tão só, que são preços anuais, rígidos e também, no geral, de fraca amplitude de variação. São preços do ano-colheita; preços do «São Miguel». Escondem sistematicamente as variações pontuais e sazonais dos mercados, sendo estas muito importantes e decisivas na localização das crises curtas e pontuais que nem por isso deixam, por vezes, de ser graves. Lembro, por exemplo, a importância dos valores dos meses de «soldadura», Abril-Maio para alguns cereais e Novembro-Dezembro para outros, bem como os preços de «expectativa», isto é, os de vésperas de colheita em que os mercados, pelo geral, reagem com bastante fidelidade de antecipação à perspectiva das boas ou das más colheitas. Outra das características é a tendência para representarem opções estratégicas dos senhorios, quer em termos de abastecimento próprio quer em termos de mercados. Mas verificámos também já que, não obstante tudo isso e as diferenças efectivas de valores que podem apresentar, eles seguem com alguma fidelidade a modulação geral do comportamento anual dos mercados. A eles, pois, deve dar-se uma representatividade muito próxima desses mercados. Não obstante, sendo como são, preços-colheita, os seus valores efectivos e a sua amplitude de variação são sempre muito diminutos, como dissemos.

Só um estudo sobre os bens, propriedades e rendas do próprio Cabido nos daria outras preciosas informações que daqui não poderemos obviamente esperar ou extrair. Seria importante saber do «giro» deste cereal que dos caseiros e rendeiros vinha às tulhas e celeiros do Cabido. Que percentagem ficava nas Prebendas para consumo próprio de cada um e o que sobejava e tomava o caminho dos mercados, e que mercados, se locais se regionais ou outros. Depois, a que preços efectivamente se transaccionavam. Por aí se faria uma ideia dos lucros e encaixes que, por via da prestação em rendas obrigatórias aos senhorios, perdiam efectivamente os foreiros e os que directamente faziam produzir a terra. Seguro era, porém, que o grosso desse cereal era transaccionado pelos Prebendeiros, sabido como é também que os Cabidos e as Mitras sempre constituíram grossos Senhorios rurais durante esse período – detentores de grandes rendas, mesmo que não possuíssem alargadas áreas de exploração directa. As terras que detinham sob contratos foreiros (ou outro tipo de contratos) proporcionavam-lhes sempre grossos encaixes. E deixamos de fora as prestações dizimeiras porque essas andavam normalmente arrendadas sob outro tipo de contratos (em grandes blocos). Estes preços não se reportando, efectivamente, a esta realidade, constituirão, porém, na falta de outros para o estudo dos dizimos, dos valores e evolução das prestações dizimeiras nas Terras de Lamego e em todo o circuito até onde chegava a influência e o domínio foreiro deste Cabido, um ponto de referência necessário e obrigatório. Os volumes dessas prestações quase sempre expressos em dinheiro (nestas terras do Norte) para serem aproveitados e utilizados como indicadores e elementos aproximativos ao comportamento da produção têm que

ser «deflacionados» pelos preços efectivos dos mercados mais próximos ou, na sua ausência, por outros que não se afastem muito dessa realidade. Para a Região de Lamego, cujo mercado – como centro mais importante que era – ultrapassaria em muito o estrito âmbito citadino e seu próprio Termo, passar-se-á, desde agora, a dispor desta referência necessária, ainda que com os limites que naturalmente encerra. Mas dificilmente encontramos fontes perfeitas em História! Por isso os anotamos e trazemos aqui na sua versão integral, isto é, nos dois valores anotados para cobrança, em medidas velhas e medidas novas que, ao que se vê, continuavam em uso para a região e para os Recebedores das tulhas do Cabido. O mesmo se passaria com as tulhas da Mitra. A exacta localização dos bens do Cabido dar-nos-ia uma ideia muito correcta da efectiva irradiação deste senhorio e da influência destes preços. Aqui fica, pois, um desafio ao estudo do Património e bens deste Cabido que só a proximidade física das fontes poderá permitir com vantagem e economia de tempo e de esforço⁴. Os dados contidos na *História da Cidade e Bispado de Lamego* constituem referências importantes que neste particular ou com este objectivo merecem ser mais pormenorizados, concretizados e apoiados numa sempre útil cartografia da propriedade desses bens do Cabido⁵.

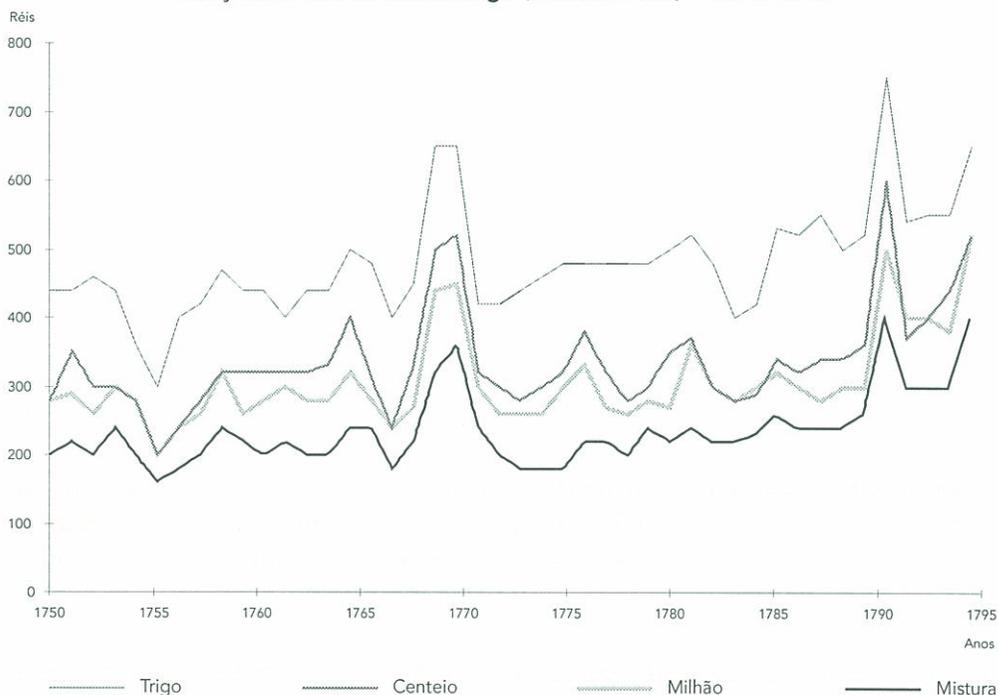
A série é curta mas cobre toda a segunda metade do século XVIII. Não obstante, as características que apontámos, sobretudo a sua fraca variabilidade e amplitude, mostram, porém, duas ou três realidades importantes: a própria fraca amplitude verificada pode representar a efectiva magreza e importância de Lamego como mercado de cereais (as comparações com Bragança, por exemplo, são tentadoras). Tratar-se-á pois, essencialmente, de um mercado local, mostrando a pouca ou fraca incidência dos factores externos. Pode também querer significar que a pouca relevância do mercado traduziria um auto-abastecimento regular assente na auto-suficiência da produção familiar alheada e por norma divorciada dos mercados. Será razoável concluir deste modo, sabendo que todo o vale se abastecia normalmente a si próprio rarissimamente até ele subindo o cereal do mar. Sempre, nestes casos, sistematicamente fornecido pelo Porto. Quando isto aconteceu, sublinhou sempre a presença de crises graves nestas terras do interior, ainda que fossem quase sempre pontuais. Creio podermos afirmar (pelos elementos de que se dispõe e não obstante o muito que se tem dito em contrário) que não há aqui carências endémicas, apesar da força económica dos vinhos e os reduzidos volumes de produção de cereais. Sim, é certo (por motivos consabidos) existirem limiares reduzidos ou mínimos de produção. Mesmo nestas condições, o mais corrente e normal foi a saída de algum cereal da região em direcção ao Porto e outros locais desde o século XVI (e desde antes) até ao fim do

⁴ Estudiosos e investigadores locais – que os aí há – poderão com vantagens desempenhar-se desta tarefa que poderia e deveria estender-se ao Património da Mitra.

⁵ COSTA, M. Gonçalves da – *História do Bispado e Cidade de Lamego*. Lamego, 1982. III, p. 229-251.

período que estudámos⁶. Só nas graves crises dos finais do século XVII surpreendemos pedidos expressos de Lamego para socorros de cereal dirigidos ao Porto e, nestas emergências, as consequentes medidas de controlo desta Cidade sobre o cereal que clandestinamente subia o rio no bojo dos vasilhames vazios do vinho e que deixava esta Cidade também em apertos consideráveis⁷.

Preço dos cereais em Lamego (medida nova) – 1750/1793



Da observação conjunta destes valores se anota uma modelação de ligeira subida durante a segunda metade do século para se acentuar a partir de 1784-85, novamente mostrando tendências de alta mais marcada a partir de 1791-1792. Sabemos, por dados disponíveis para outros lados, que essa tendência de alta aqui apenas iniciada se irá acentuar nos tempos posteriores, atingindo valores bem graves na generalidade dos casos. Para além dessa modelação geral muito modestamente aqui mostrada por esta série, importa chamar a atenção, sobretudo, para dois picos bem marcantes que, sabemos já também, representaram e

⁶ FERNANDES, M. Rui – *Descrição em torno da Cidade de Lamego*. Lisboa 1936. (Coleção de Inéditos de História Portuguesa; t. V.)

MONTEBELO, Marquez de – *Vida de Manuel Machado de Azevedo*. Madrid. 1660. 93. Nas ocasiões de apertos também os cereais de Trás-os-Montes e das Terras do Vale do Douro acorriam ao Minho, como sucedeu nas grandes crises do século XVI.

⁷ Arq. Histórico da Cidade do Porto. *Vereações*. Liv. 63 fl. 552V, 569V, 606, 607V, 665V, 671V, 690V-691.

sublinharam crises graves noutras terras⁸: a primeira, a de 1768-69 (que em alguns lados se prolonga ainda por 1770-72.); a segunda, a de 1789, que se mantém até 1793, aqui coincidente com o fim da série.

Sobre uma e outra destas crises nos pronunciamos já noutras oportunidades remetendo, por isso, para as suas análises e enquadramentos circunstanciais e conjunturais. Apraz-nos nesta oportunidade, tão somente chamar a atenção para a sua presença também aqui nas Terras de Lamego e, genericamente, no interior deste Vale e para a gravidade das mesmas, ainda que a modulação muito «suave» desta série não traduza, *de per si*, toda a gravidade atingida. Todavia, outras referências circunstanciais a sublinham e comprovam.

As dificuldades da primeira das crises são desencadeadas por alterações climáticas que imediatamente atingem as colheitas do ano. As Vereações do Porto são claras: «*E logo na mesma vereação aduertindo-se no Rigor do Inuerno na estação em que hera o mais oportuno tempo de colher os fructos e que em todas as igrejas desta Cidade e na mesma catedral se faziaão preces a Deos noso Senhor para que fosse Seruido Serenar o tempo se Resolueo tambem as fazer este Senado por tres dias fazendoce hua porçiçõ com a Milagroza Imagem do Senhor Da Alem por a grande deuoçõ que todo o pouo tem Com ella fazendoce hum Sermão no fim da dita porçiçõ*»⁹.

De imediato se vão tomar medidas de excepção na Câmara para com os comerciantes e rendeiros do pão «*p.a q. no mesmo termo... fizessem Conduzir a esta Cid.e debaixo da penna de prizão e subquestro em seus bens as terssas do pam q cada hum colheo na Sua Respectiva Renda... como o mais pam q sobejase das d.as terssas...*»¹⁰, determinando-se ainda rigorosas medidas de controle sobre os postos de venda em vista dos conluios, monopólios e contrabandos a que a carestia deu imediatamente azo, bem como sobre o trânsito e presença de embarcações com carga de cereal que afluíram ao Porto em busca de melhores preços, ordenando-se por sua vez penas severas sobre alguns mercadores que então «*Uendião milho ao pouo Corrupto e emcapas de se uender como se faz euidente pello exame feyto pellos Goardas mores da Saude...*»¹¹.

Do mesmo modo as dificuldades da segunda destas crises – para além doutras causas – andam igualmente conotadas com dificuldades e alterações climatéricas que atingiram as produções. Ainda as Vereações do Porto (e a propósito dos altos preços atingidos por vários géneros) registam os excessivos rigores desse Inverno de 1790¹².

⁸ Idem, Livro 64 fl. 26.

⁹ OLIVEIRA, Aurélio de – *Crises cerealíferas nos fins do Antigo Regime*. Porto 1996.

¹⁰ Arq. Histórico da Cidade do Porto. Vereações. Livro 84 fl. 181V-183V.

¹¹ Idem, Livro 85 fl. 225B; 248-249. Idem, Livro 91 fl. 50-50B.

¹² Aspectos que desenvolveremos em *Crises e circulação de grãos no Porto*.

À semelhança da situação anterior, os rebates e as medidas de emergência fazem-se logo sentir no Porto, tal como a movimentação dos interesses em presença para o fornecimento dos grãos e, pela primeira vez, das farinhas. Um reflexo longínquo da chamada Guerra das Farinhas que atingiria particular gravidade em França, e que entre nós se saldou também por graves conflitos de interesses nos mercados da Capital e, como vemos também, em menor escala, aqui no Porto. Dariam mais uma vez azo a algumas amotinacões populares que se repetiriam nestes anos difíceis da década de noventa¹³.

As carestias e as fomes diminuíam as resistências físicas e normalmente ao aperto das bocas seguiam-se as maleitas e as doenças. Também elas fazem a sua aparição em Lamego à semelhança de outras terras em 1791¹⁴.

Pouco presentes nos livros de Vereação que nos restaram, os problemas com o abastecimento e comércio de grãos na Cidade surgirão em cima daqueles anos difíceis da crise de 1768-70. A Vereação anota as preocupações provocadas pela alta excessiva dos preços a que subira o pão: «*hauendo em considerasam ao excessiuo preço a que vai crescendo pão*», as manipulações e especulação dos Rendeiros que o estavam arrematando ainda nas novidades (estamos em Abril de 1769) e sonogando às tulhas e celeiros da Cidade. Saindo muitos com ele para fora da Cidade e do Termo, cominam-se as penas habituais e a obrigatoriedade de conduzir as terças à Cidade e de o porem em praça para socorro e abastecimento da população: que de modo algum, «*atendendo a orgencia que esta Cidade e Termo padeçe do referido genero se não possa extrair por qualquer modo ou titulo que seja pão, algum para fora della*»¹⁵.

Tempos mais difíceis se avizinhavam ainda e Lamego deve ter sido igualmente afectada de modo grave nos tempos imediatamente posteriores, acompanhando nisso muitas e muitas terras do Norte. Pode ser, porém, que dadas as especificidades muito próprias destas terras do Vale, algo de diferenciado se tenha aqui registado. Só os necessários estudos económicos de pormenor o poderão vir a confirmar ou não.

¹³ Idem.

¹⁴ CORREIA, Fernando da Silva – *Portugal Sanitário*. Porto, 1938. p. 465.

¹⁵ Arq. Municipal da Câmara de Lamego. *Vereações*. Liv. 1761-69 fl. 184V-185.

PREÇOS DE CEREAIS EM LAMEGO (em réis)

Anos	Trigo		Centeio		Milhão		Mistura	
	Medida velha	Medida. nova	Medida velha	Medida nova	Medida velha	Medida nova	Medida velha	Medida nova
1750	480	440	310	280	310	280	220	200
1751	460	440	380	350	310	290	240	220
1752	500	460	340	300	300	260	220	200
1753	480	440	340	300	340	300	260	240
1754	400	360	320	280	320	280	220	200
1755	340	300	240	200	240	200	180	160
1756	440	400	260	240	260	240	200	180
1757	460	420	310	280	290	260	240	200
1758	480	470	350	320	350	320	260	240
1759	480	440	350	320	280	260	240	220
1760	480	440	350	320	290	280	220	200
1761	440	400	350	320	320	300	240	220
1762	480	440	350	320	300	280	220	200
1763	480	440	360	330	300	280	220	200
1764	550	500	440	400	340	320	200	240
1765	520	480	340	310	300	280	260	240
1766	440	400	270	240	270	240	200	180
1767	490	450	360	330	300	270	240	220
1768	700	650	540	500	480	440	340	320
1769	700	650	560	520	480	450	380	360
1770	450	420	350	320	320	300	260	240
1771	450	420	330	300	280	260	220	200
1772	480	440	300	280	280	260	200	180
1773	500	460	320	300	280	260	200	180
1774	520	480	340	320	320	300	200	180
1775	520	480	400	380	340	330	240	220
1776	520	480	340	320	290	270	240	220
1777	520	480	300	280	280	260	220	200
1778	520	480	320	300	300	280	260	240
1779	540	500	400	350	300	270	250	220
1780	560	520	390	370	380	360	260	240
1781	520	480	320	300	320	300	240	220
1782	440	400	300	280	300	280	240	220
1783	460	420	310	290	320	300	250	230
1784	595	530	380	340	360	320	280	260
1785	585	520	360	320	337.5	300	270	240
1786	618	550	382.5	340	315	280	270	240
1787	565	500	382.5	340	337.5	300	270	240
1788	585	520	405	360	337.5	300	280	260
1789	845	750	675	600	562.5	500	450	400
1790	607.5	540	416.5	370	450	400	337.5	300
1791	619	550	450	400	450	400	337.5	300
1792	619	550	495	440	427.5	380	337.5	300
1793	731	650	585	520	585	520	450	400